

CINEMA COMO PEDAGOGIA TRANSGRESSORA: DEBATENDO GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS¹

Julia Araújo Ferreira da Silva

Mestranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia - UFBA, juliaaraujofs@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre debates relacionados a gênero e sexualidade no ambiente escolar, buscando, através de um cinema pautado na diversidade, ferramentas para questionar normas hegemônicas e impulsionar discussões sobre essas temáticas, com foco em vivências LGBTQIA+. A reflexão apresentada usa como base entrevistas com membros de comunidades escolares que receberam atividades cineclubistas realizadas em turmas de ensino médio de escolas públicas das cidades do Rio de Janeiro e Duque de Caxias no ano de 2019. Apesar do perfil historicamente normatizador da escola e do atual cenário político de recrudescimento do embate ao questionamento, há também a emergência de uma maior diversidade de vozes e identidades disputando a criação de novos imaginários. Nas relações criadas dentro das comunidades escolares os discursos contra-hegemônicos encontram brechas. Nas atividades analisadas, o cinema funcionou como ferramenta pedagógica, trazendo estéticas e visões de mundo diversas e impulsionando questionamentos que reverberaram nas comunidades escolares, e, assim, causando tensionamentos nos silêncios e normas impostas com relação a questões de gênero e sexualidade naqueles espaços. Através do diálogo com autores que buscam

1 Este artigo é resultado de projeto de pesquisa realizado no âmbito da Especialização em Cultura e Educação na Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil).

analisar as relações entre diversidade sexual e de gênero, educação e cinema, como Guacira Lopes Louro, Leandro Colling e bell hooks, busco provocar: Qual a importância e os desafios de se discutir gênero e sexualidade nas escolas atualmente? Que relevância pode ter o cinema como ferramenta impulsionadora de debates nesses ambientes? Que consequências as escolhas pelo debate ou silenciamento podem gerar na construção de imaginários e identidades? Que outros caminhos são possíveis?

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação; Cinema.

Introdução

A escola, como instituição que reflete as relações sociais do contexto histórico-cultural no qual está inserida, se configura como um espaço de disputa de discursos e construção de identidades e imaginários. Entretanto, questões relacionadas a gênero e sexualidade têm sido silenciadas no ambiente escolar. Nos últimos anos a tensão em torno dessas temáticas tem crescido ainda mais como resultado da propagação de um discurso conservador na política e sociedade brasileira.

Esse cenário foi um dos impulsionadores para a realização das atividades aqui analisadas: exposições cineclubistas compostas por curtas-metragens² nacionais recentes que têm como característica comum a transgressão a normas hegemônicas, quer seja na estética, na temática, nas formas de produção ou nos sujeitos presentes atrás e na frente das câmeras. A proposta do projeto responsável pelas atividades, chamado Fluxo Cineclubes, é ter o cinema como impulsionador de debates e questionamentos sobre, principalmente, a construção de identidades e relações de poder, focando em assuntos relacionados à gênero e sexualidade. As sessões aconteceram durante o ano de 2019 para turmas de Ensino Médio de escolas da rede pública das cidades do Rio de Janeiro e Duque de Caxias.

Como uma das organizadoras do projeto, parto das minhas observações no percurso de construção e realização das exposições. Entretanto, trago como fonte principal para dialogar sobre as reverberações dos debates nas comunidades escolares entrevistas com professoras e um aluno, responsáveis por levar as atividades para as escolas. Nas conversas busco entender também sobre os contextos das escolas e as motivações que os levaram a ter interesse em propor as sessões do cineclubes para os estudantes.

Qual a importância e os desafios de se discutir gênero e sexualidade nas escolas atualmente? Que relevância pode ter o cinema como ferramenta impulsionadora de debates nesses ambientes? Que consequências as escolhas pelo debate ou silenciamento podem gerar

2 Curtas-metragens exibidos nas sessões analisadas: Abraço (2019); Afronte (2017); MC Jess (2018); NEGRUM3 (2018); Pele Suja Minha Carne (2016); Poder (2018); Travessia (2017); Três é Par (2017).

na construção de imaginários e identidades? Que outros caminhos são possíveis? A partir desses questionamentos, em diálogo com as falas dos entrevistados e propostas de pedagogias transgressoras, se desenvolve esse artigo.

Metodologia

As atividades analisadas foram realizadas pelo Fluxo Cineclube, um cineclube independente do qual faço parte como organizadora junto com outros artistas e realizadores do audiovisual, que têm como proposta partir de experiências pessoais para tratar da diversidade das identidades e relações sociais em seus trabalhos autorais. A proposta principal do cineclube consiste na organização de atividades em escolas públicas dos municípios do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense.

Buscamos dar enfoque ao caráter propagador e criador de discursos do cinema e levantar o debate sobre leitura crítica das imagens. Principalmente no contexto atual em que o audiovisual está presente cada vez mais fortemente de diferentes formas no cotidiano das crianças e adolescentes, acreditamos na relevância de conversarmos nas escolas sobre os processos de produção de discursos, entendendo que sempre há pessoas por trás de cada obra e que as criações são feitas de escolhas, pois acreditamos que “experiências estéticas, culturais, sociais, artísticas, são sempre pedagógicas e políticas” (SANTOS, 2019, p.3). Nossa proposta é pensar em conjunto com os estudantes quais discursos têm mais destaque na nossa sociedade, porque isso acontece e o que pode ser diferente.

As sessões analisadas aqui foram realizadas durante o ano de 2019 em turmas de ensino médio de duas escolas estaduais localizadas no município do Rio de Janeiro, nos bairros de Copacabana³ - Colégio 1 - e Senador Camará - Colégio 3 -, e uma escola estadual - Colégio 2 e um colégio federal - Colégio 4 - localizados no município de Duque de Caxias, totalizando quatro atividades. Abranger

3 Foi decidido não divulgar os nomes dos colégios nos quais ocorreram as atividades, assim como os nomes das professoras e alunos entrevistados por não ter se tratado de uma pesquisa acordada com as coordenações das instituições anteriormente à realização das atividades, apesar de haver total ciência dos entrevistados sobre os objetivos das entrevistas e pesquisa realizada. Portanto, nomearei as escolas de acordo com a ordem cronológica de realização das atividades.

diferentes territórios da região metropolitana da cidade foi uma premissa no processo de busca por escolas interessadas em dialogar com o projeto, visando abarcar realidades diversas e também dando prioridade a territórios onde há menor oferta de atividades culturais. O contato entre a equipe do cineclube e as comunidades escolares aconteceu por meio de professoras, nas três escolas estaduais, e por meios dos próprios alunos, no colégio federal. As exposições aconteceram no horário do turno escolar, em três casos como parte de eventos temáticos da escola.

Referencial teórico

Parto do ponto de vista de que o contexto escolar não se difere das demais instituições no que diz respeito às hierarquias sociais, logo, as características e comportamentos hegemônicos se reproduzem também naquele espaço (ASSIS, 2019, p.50). Mas ao mesmo tempo as escolas são – ou poderiam buscar ser – um espaço de questionamento dessas relações e normas, visto que a comunidade escolar é formada por relações e indivíduos ativos, que ao escolher seus discursos e metodologias assumem posicionamentos que reverberam e dialogam com a comunidade ao seu redor. Assim, as questões que se referem ao que acontece dentro das escolas e com os indivíduos que as compõem, também dizem respeito a um debate social mais amplo.

Por ser esse ambiente de reprodução e reconstrução das relações sociais do contexto em que estão inseridas, a conversa sobre gênero e sexualidade precisa estar nesse espaço, tanto como parte do currículo institucional quanto das práticas cotidianas de todos os membros da comunidade. Pensar o currículo como mais do que a transmissão exclusiva de fatos e conteúdos, pois é através dos currículos (e práticas) que os significados sociais, culturais, morais são construídos, reiterados no espaço escolar, a serviço da manutenção das identidades hegemônicas. (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018, p.26)

Um primeiro passo para se trazer qualquer questionamento da norma hegemônica é, primeiramente, nomear os processos pelos quais as normas são construídas, a partir de práticas, representações e costumes pertencentes a contextos histórico-culturais. A partir das relações sociais se constroem também as identidades e, consequentemente, a diferença. Entretanto, segundo SILVA (20017, p.97), a identidade não é uma essência, não é um dado ou fato – seja, da

natureza, seja da cultura. Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. Tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Podemos dizer que é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. É instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. Está ligada a sistemas de representação, tem estreitas conexões com as relações de poder. (apud COLLING, 2018, p.11)

Dessa forma, fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças (SILVA, 2013, p.83 apud MOCHI, 2019, p.54). LOURO (1997, p.41), ao pensar a construção dos gêneros, propõe que essas identidades não se constroem apenas a partir de mecanismos de repressão ou censura, mas também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas. “Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (apud MOCHI, 2019, p.57). Em nossa sociedade heteronormativa⁴, mecanismos de normatização que perpetuam violências e opressões são historicamente reproduzidos nos ambientes escolares, fazendo com a educação tenha se constituído como um campo disciplinador e normalizador, local do regramento e da obediência. (LOURO, 2012, p.364)

Uma das formas que a normatização com relação à gênero e sexualidade assume no ambiente escolar é o silenciamento. Muitas vezes deixando esse assunto restrito apenas a aspectos anatômicos e fisiológicos, ancorados em uma visão da sexualidade com função reprodutiva. Não se coloca para debate a construção de identidades, as possibilidades de formas de se relacionar ou as diversas possibilidades de formações familiares, por exemplo, assuntos que afetam a todos, não somente pessoas que se identificam como parte da comunidade LGBTQIA+. LOURO (2014, p.72) pontua:

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos

4 A heteronormatividade é descrita por Miskolci (2012, p. 43-44) como “a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (apud COLLING, 2018, p.48).

desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los/las’, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejar-los/las. (apud MOCHI, 2019, p.63)

Essa escolha pelo não-diálogo abre espaço para violências simbólicas, que em alguns casos se transformam também em violências físicas. Portanto, longe de ser uma postura de neutralidade, calar-se demarca um posicionamento político e contribui para as estatísticas “de exclusões e de mortes oriundas do processo social da homo-lesbo-transfobia” (ARAÚJO; CRUZ; DANTAS, 2018, p.52).

Resultados e discussão

Nas conversas com as professoras organizadoras das atividades analisadas, a dificuldade de se trazer essas questões no ambiente escolar ficou evidente, mesmo que em níveis diferentes e com a presença de debates relacionados a outros grupos sociais na escola.

Nós temos muito conservadores dentro da escola, professores também. A gente vê pelos comentários na sala de aula, as brincadeiras, as piadinhas. Eles são assim porque são reflexo da sociedade [...] As pessoas de certa maneira ficam com receio, porque é um assunto sensível e acabam abordando outros temas. [...] é mais fácil falar de feminicídio do que da questão de gênero e sexualidade. (Professora do Colégio 2)

A questão da violência contra a mulher já é posta de que a gente tem que lutar contra. Sabe aquelas coisas que estão estabelecidas? A questão de religiosidade também meio que tá posto de que tem que respeitar e acabou, no espaço da escola. A questão LGBT que ainda fica aquela coisa estranha, do pessoal querendo negar. Eu acho que é exatamente talvez porque os projetos não focam nessas questões. (Professora do Colégio 3)

Essa tensão em se tratar sobre gênero e sexualidade nas escolas tem tido destaque nos últimos anos com o crescimento na política brasileira de um discurso conservador, muitas vezes amparado em

ensinamentos cristãos, que tem na questão LGBTQIA+, na educação e na cultura seus principais locais de embate, tendo o silenciamento do questionamento às normas e do pensamento crítico como caminho⁵.

A professora do Colégio 2 traz em seu relato o quanto os discursos religiosos cristãos estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar e interferem muito diretamente na (im)possibilidade de se conversar sobre temas relacionados a gênero e sexualidade.

Quando vamos principalmente pra questão de gênero, eles têm muito preconceito, parece que não, mas eles são muito conservadores, tem muitos evangélicos e tal, é difícil. [...] A religião interfere muito. Eu falo que eles têm que questionar mesmo os pastores, aí coloco todos, se for pai de santo tem que questionar, se for o padre, se for o guru, tem que questionar. Você tem que pensar com sua cabeça. Vai ouvir ele, que é teu guia espiritual, mas você tem que pesar na balança, ver se aquilo é legal. [...] A gente vai indo, é importante. Mas eu realmente não vejo muito espaço na escola pra tratar da questão de gênero. Mas a escola também não proíbe, não existe uma censura, é uma autocensura. Porque as pessoas têm medo de falar do assunto, ainda é um tabu. Como falei, até entre os professores e os próprios funcionários existe uma certa rejeição, um certo preconceito. Eles ficam com receio dos pais dos alunos irem lá e reclamarem da abordagem. Tem isso também, a gente sempre fica com um pé atrás, justamente por conta da religião.” (Professora do Colégio 2)

Mas “se a escola é um espaço de reforço do binarismo de gênero, é certamente também um local de aposta no que pode ser diferente. Basta buscarmos caminhos.” (MOCHI, 2019, p.5) Estratégias possíveis são apontadas pelas pedagogias que trazem o diálogo, a transgressão e o questionamento como caminhos, contestando os regimes de verdade e visando um processo de ruptura e desaprendizagem das normas. Um primeiro passo essencial nesse sentido é reconhecer as

5 Uma das frentes a assumir a cruzada antigênero a partir do campo da educação é a dos parlamentares ultraconservadores, que vem apresentando, desde 2014 e em ritmo crescente, projetos de Lei estaduais, municipais e federal que buscam instituir o que a direita passou a chamar de ‘Escola sem Partido’. Disponível em: <http://www.reinoda-desinformacao.com.br/cap-i-a-palavra/>. Acesso em: 2 out. 2020

construções e contextos sociais que geram desigualdades e violências, como traz o aluno do Colégio 4.

Eu acho que a gente precisa entender o contexto no qual a gente está inserido para conseguir resolver os problemas. Então se a gente nunca é apresentado às questões de gênero, se a gente nunca é apresentado a questões de sexualidade, se a gente não tem acesso a esse tipo de coisa, a gente não vai conseguir debater, a gente não vai conseguir resolver os problemas, a gente não vai conseguir se entender.[...] às vezes essa consciência social ela só é despertada quando você tem acesso a algum tipo de discriminação muito forte – mas às vezes você também não entende porquê dela estar ali, porque você é discriminado – ou quando te é apresentado de maneira formal. (Aluno do Colégio 4)

Para além de expor os regimes normatizadores, LOURO (2012) propõe o estranhamento do currículo, no sentido de questionar as condições que permitem ou impedem o conhecimento. A autora traz também uma crítica à forma como identidades ditas diferentes estão presentes nas escolas, somente com ações pontuais que acabam por mantê-las em posição de exceção e inferioridade. Como contraponto, propõe uma pedagogia *queer*⁶, voltada para o processo da produção das diferenças, problematizando a instabilidade e precariedade de todas as identidades, trazendo como foco a potência dos questionamentos, não das certezas.

O aluno do Colégio 4 traz muito fortemente o quanto uma efetiva ocupação do espaço escolar pela diversidade foi marcante na sua formação e também um fator que aumenta sua admiração pela escola.

A pessoa que eu era antes de estudar no Colégio 4 e a pessoa que saiu formada são pessoas completamente diferentes, com cabeças, visões e perspectivas totalmente diversas sobre o que é o mundo, sobre como ele funciona, sobre as relações. Na realidade eu não tinha

6 Conexão proposta entre o pensamento *queer* e a educação. “Aposto na possibilidade dessa conexão e, para argumentar, preciso recuperar o *queer* como um conjunto de saberes (mais do que como uma teoria que lembraria sistematização e estrutura) e como disposição política. [...] Não são apenas novos temas ou novas questões que têm sido levantadas. São transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento.” (LOURO, 2012, p.365)

nenhum tipo de contato com, por exemplo, causa negra, com a causa LGBT, com a causa feminista. Eu não fazia ideia, era totalmente ignorante, no sentido mais puro da palavra, em relação a essas coisas. [...] Eu estudei sempre em colégio público, tanto no fundamental, quanto médio, quanto agora no superior, e eu não tive acesso a esses debates em nenhum lugar antes do Colégio 4. Foi a porta de entrada pra isso e foi onde eu mais me identifiquei. [...] ele promove o debate, dá lugar, dá voz pras pessoas conseguirem falar, se expressar e mostrar um pouco do que pensam do mundo. Acho que esse é o papel que deveria ser da educação como um todo, mas que não é e acaba sendo muito excludente em relação a muitos conteúdos. (Aluno do Colégio 4)

No Colégio 4 as temáticas de gênero e sexualidade estão presentes no currículo, em disciplinas como Sociologia. A professora do Colégio 3 ressalta o predomínio dos professores das diferentes disciplinas de Humanas e Linguagens nesses debates, mesmo que essas temáticas, tratadas por um viés social, não estejam presentes no currículo.

Os professores de Humanas e de Linguagens costumam lidar mais com essas questões. A gente vê muita resistência do pessoal de exatas, que acha que escola não é pra isso. Mas tem um movimento grande. E os alunos também pautam isso. Se tem um aluno trans na escola esse assunto vai aparecer, não tem como você dizer que não vai discutir isso. Porque se você tá vendo seu aluno sofrer algum tipo de preconceito, você vai falar sobre, você vai trazer o assunto. [...] O coordenador diz que é uma escola LGBTfriendly, tem muitos alunos e alunas que são LGBTs e lidam com isso com uma certa naturalidade na escola. Mas tem muito preconceito também, sofrem muita violência com isso por parte de outros alunos e também por parte de uns professores. Mas tem um grupo de professores grandes que dá um suporte, dá uma orientação e faz com que eles se sintam minimamente acolhidos ali dentro. Até porque o próprio coordenador é gay, um dos coordenadores. (Professora do Colégio 3)

Outro aspecto trazido na fala da professora do Colégio 3 é a dimensão do afeto. O respeito mútuo gera um ambiente de segurança para os estudantes se expressarem. A professora do Colégio 1 comenta

que “a partir do momento que você dá intimidade, mas você trata com carinho, trata com respeito, eles te retribuem da mesma maneira”, essa relação contribui para que os alunos se sintam confortáveis para expor suas questões. Ela exemplifica: “No meio da aula eles vão no pé da mesa da gente e desabafam. [...] Teve um que falou assim: ‘Eu não sou menino, eu sou uma menina’. Eles falam essas coisas pra gente, eles não têm muita censura não. Um ou outro tem, mas a maioria conversa, se expõe”.

Mas além dos professores, os próprios alunos muitas vezes movimentam os debates dentro da escola. Como é o caso do Colégio 4, no qual os estudantes têm grupos organizados para tratar de questões relacionadas a grupos não-hegemônicos. Foram esses grupos – Frente Negra, Frente Feminista e Frente LGBT – que organizaram a Semana da Diversidade, evento do qual a exibição de curtas aqui analisada fez parte.

Foi um evento totalmente feito por alunos. A gente queria mostrar que a gente não depende de outras gerações, não depende de instâncias maiores pra gente influenciar pessoas ao nosso redor simplesmente pela nossa vontade. [...] na minha bolha estavam mais quem puxava os movimentos, então já conversava com a galera dos movimentos mesmo, e eles sempre me apresentavam esse tipo de debate, esse tipo de informação e de conteúdo. E aprendi muito com os próprios alunos. (Aluno do Colégio 4)

No âmbito institucional, décadas de luta de diversos movimentos sociais refletiram em políticas públicas⁷ que buscaram formas de reforçar a importância de trazer questões relacionadas a populações historicamente sub-representadas para serem debatidas em ambientes educacionais. Essas lutas e conquistas reverberam e dialogam com diversas áreas da sociedade e esse percurso faz com que o debate continue se propagando e se complexificando, motivado também pela presença cada vez maior na mídia e nas redes sociais dos debates relacionados a questões identitárias, principalmente entre os mais jovens. A professora do Colégio 3 corrobora com essa ideia trazendo,

7 Temos alguns exemplos, como o material didático proposto pelo programa Escola sem Homofobia (2011), a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que traz obrigatoriedade para o ensino de história afro-brasileira nas escolas e a Lei nº 12.711/2012, Lei de Cotas no Ensino Superior.

ao comentar as respostas dos estudantes ao debate proposto na atividade do cineclub, que “a gente vê que a meninada de 16/17 anos tá pensando essas questões, não tá alheio”.

Como um exemplo de estudante que está ativo no debate contra-hegemônico, o aluno do Colégio 4 traz a importância de se dar a mesma atenção aos diferentes movimentos sociais, aos diferentes atores sociais invisibilizados:

Não adianta nada eu querer pregar igualdade das raças, eu querer pregar contra a violência racial, e deixar, por exemplo, a violência contra pessoas LGBT ou contra mulheres. Não adianta nada a gente escutar uma coisa e excluir a outra. Toda luta tem que ser válida. (Aluno do Colégio 4)

Ao propor levar uma atividade cineclubista para a escola com filmes que tratavam de temas ligados à gênero e sexualidade, interligados com raça e classe, durante a semana da consciência negra, a professora do Colégio 2 se mostrou preocupada em levantar um debate com viés interseccional, mas esbarrou na dificuldade dos estudantes em traçarem conexões entre os marcadores identitários-sociais presentes nas obras.

Eu achei pertinente falar das duas coisas na semana da consciência negra, uma coisa interfere na outra. Mas o pessoal acha que falar de consciência negra é falar de escravidão, só isso. [...] Acharam que focava mais na questão de gênero e menos na consciência negra. Aí eu fui conversar com eles a respeito, que tinha tudo a ver os filmes. Porque eles acham que a questão de gênero envolve só da sexualidade, mas envolve outras questões também né. Tem o bullying, tem essa questão da escola, tem a rejeição da sociedade, até mesmo você conquistar, ascender socialmente, enquanto negro e gay. Por exemplo, você encontra uma série de dificuldades, envolvendo uma questão só. Só ser negro e só ser gay já é a maior dificuldade, imagina você unindo as duas coisas. Aí seja homem ou mulher tem toda uma dificuldade. Fui conversando com eles e eles acabaram entendendo. (Professora do Colégio 2)

Essa visão que traz cada identidade separada, como algo fora de uma cadeia de relações e processos de construção, novamente foi tema de debate durante a atividade no Colégio 3. Também realizada

durante a semana da consciência negra, teve seu principal ponto de discussão em cima de um curta que abordava sexualidades dissidentes e jovens negros. Nesse caso o questionamento partiu de um professor – um homem branco, que se identificou enquanto gay – que afirmou durante o debate não ter achado pertinente o filme estar presente na atividade, pois segundo ele, só tratava da temática da sexualidade. Mas nessa escola a reação dos alunos à temática foi distinta, tendo eles próprios imediatamente ressaltado a importância de se debater construção de identidades de gênero e sexualidade por e em homens negros. Foram elencadas consequências e processos formadores da influência mútua e do diálogo entre marcadores sociais que vão além de ideias negativas como discriminação, subordinação e desigualdades, trazendo o foco também para as potências presentes nessas identidades não-hegemônicas.

HOOKS (2013), inspirada na pedagogia emancipatória de Paulo Freire, traz como objetivos dos profissionais da educação promover ambientes propícios para uma aprendizagem que liberte os estudantes das amarras coloniais, no sentido das barreiras impostas pelo gênero binário, da heteronorma, do racismo e do machismo (apud SOARES; FONTES, 2019, p.24). Como propostas de subversão à colonialidade, se convoca o reconhecimento e a criação de “estéticas, visualidades, poéticas, materialidades e corporeidades não hegemônicas” (SANTOS, 2019, p.6).

Foi a busca por essas outras poéticas que nos levou à escolha de ter como foco produções de curtas-metragens produzidos nos últimos anos por jovens realizadores, momento em que o cenário historicamente excludente da produção audiovisual brasileira⁸ tem passado por mudanças graduais, com uma diversificação no perfil dos realizadores, o que se reflete em novas estéticas e novas temáticas sendo pautadas.

8 Entre os anos de 1970 e 2016 os filmes com grande público (acima de 500.000 espectadores) foram predominantemente dirigidos por homens (98%). Sequer um diretor não branco foi identificado [...]. No que se refere ao gênero, chama atenção o baixíssimo índice de mulheres na direção dessas produções, apenas 2%. Além disso, nenhuma delas é negra.” (CANDIDO et al., 2017, p.4).

Considerações finais

Os assuntos relacionados a questões de gênero e sexualidade estão em evidência atualmente e a resistência em se abrir espaço para a discussão dessas temáticas foi comentário recorrente nas falas das professoras entrevistadas. Entretanto é possível notar diferenças significativas no nível de silenciamento desses debates em cada uma das escolas estaduais aqui citadas, sendo também muito diferentes entre si com relação aos contextos nos quais estão inseridas. Já no caso do colégio federal o cenário é muito distinto, com a presença de uma diversidade maior de opiniões divergentes e questionadoras e mais liberdade para expressão das identidades dos alunos, deixando em evidência que essas temáticas são espaços nos quais dialogam discursos diversos.

Apesar do perfil historicamente normatizador da escola e do atual cenário político de recrudescimento do embate ao questionamento e à transgressão das normas hegemônicas, há também a emergência de uma maior diversidade de vozes e identidades, disputando a criação de novos imaginários. Nas relações criadas dentro das comunidades escolares, a partir de propostas pedagógicas transgressoras, os discursos contra-hegemônicos encontram brechas e reverberam.

Ter ficado ainda uma galera super interessada no final da sessão, querendo que continuasse, que tivesse de novo, foi positivo porque levantou o debate. E eles são aquelas sementinhas né, eles vão propagar aquele debate em outros círculos, dentro e fora da escola. Então é sempre válido. (Professora do Colégio 3)

O importante é debater, provocar, acho que você tem que fazer a provocação, entendeu? E aí depois vê o resultado né. Melhor do que fazer de conta que não existe o problema, que nada acontece, que esse é um assunto que é um tabu, de que não pode falar. Mas não é fácil. [...] A gente não consegue tocar a todos, mas alguns a gente consegue tocar e isso já é importante. Se de vinte alunos você consegue tocar um aluno, que ele mude a consciência dele, que ele mude os conceitos, já tá valendo. Se um for tocado já tá valendo, porque esse um vai se multiplicando. (Professora do Colégio 2)

O conhecimento funciona justamente dessa forma, a gente aprende uma coisa aqui, vai pegando de outro lugar e vai fazendo sementinha, até espalhar pelo mundo todo o que a gente conhece. (Aluno do Colégio 4)

Nas atividades aqui analisadas, o cinema funcionou como ferramenta pedagógica, trazendo estéticas e visões de mundo diversas e impulsionando questionamentos que reverberaram nas comunidades escolares, e, assim, causando tensionamentos nos silêncios e normas impostas com relação a questões de gênero e sexualidade naqueles espaços.

Referências

ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izaura Santiago da; DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. Gênero e sexualidade na escola. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. Interseccionalidades. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BIANCONI, Giulliana. Cap. I, no Brasil: A Palavra. Gênero e Número, ago. 2019. O Reino Sagrado da Desinformação. Disponível em: <http://www.reinodadesinformacao.com.br/cap-i-a-palavra/>. Acesso em: 2 out. 2020.

CANDIDO, Marcia Rangel; MARTINS, Cleissa, RODRIGUES, Raissa FERES Júnior, João. Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (1995-2016). Boletim GEMAA, n.2, 2017. Disponível em: http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim_Final7.pdf. Acesso em: 30 set. 2020

COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 363-369.

MOCHI, Luciene Celina Cristina. Afinal, do que é feita uma família? Maternidades lésbicas na escola. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SANTOS, Mara Pereira dos. Arte e Educação. Brasília: Flacso Brasil, 2019.

SOARES, Mayana R.; FONTES, Ramon. Pedagogias Transgressoras. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.